

# Quando danço o mundo me parece acolhedor e harmonioso

*When I dance the world seems welcoming and harmonious to me*

**Ester Buffa**

Doutora em Ciências da Educação – Universidade de Paris;  
Professora do PPGE – Uninove.  
São Paulo, SP – Brasil.  
ester@uninove.br

## Resumo

Neste artigo, a autora pretende descrever sobre o prazer que sente quando dança. Para tanto, trata, inicialmente, de duas maneiras opostas de se encarar o corpo, considerando os opostos, corpo e alma, nos seus aspectos de conservação e transgressão. Em seguida, procura, num vai e vem entre o singular e o universal, mostrar um lugar possível para o corpo.

**Palavras-chave:** Corpo e alma. Dança.

## Abstract

In this article, the author write about the pleasure she feels when she dances. To this end, she deals at first with two opposing ways of facing the body, considering the opposites, body and soul, in their aspects of conservation and transgression. After that, she seeks, alternating between the singular and the universal, to show a possible place for the body.

**Key words:** Body and soul. Dance.

Se devo sorrir  
que seja pela dança  
a me segurar no eixo  
enquanto giro  
e perco a cabeça.

A dança é uma forma de expressão corporal, uma arte, como se sabe. É o corpo que se movimenta por inteiro e por partes: braços, pernas, quadris, pescoço, mãos, pés, cabeça, ombros, tronco. Movimentos rápidos, fortes ou, então, suaves, lânguidos, pausados, sempre em função da música e, importante, executados com precisão e leveza. Há muita técnica, mas há ainda o principal, o sentimento, a paixão, o desejo, o prazer. Esses são a alma da dança, são eles que emocionam os dançarinos e também aqueles que os observam, seja um espetáculo primoroso de dança clássica, seja um simples par dançando um bolero no salão.

O corpo fala, dizem. Fala de seu estado físico pelo carinho ou pelo descuido com que é tratado. Fala por gestos, expressões, olhares, sorrisos. Manifesta as emoções que se sentem: dor, náusea, tédio, indiferença, desgosto ou alegria, bem estar, prazer, felicidade.

Considerado a fonte dos prazeres, o corpo foi, na geografia e na história dos homens, muitas vezes, tido por pecaminoso e, assim, deveria ser castigado, martirizado, supliciado. À alma caberia subjugar esse corpo arredio às suas verdadeiras funções. No entanto, outras vezes, foi enaltecido – *mens sana in corpore sano* – bem tratado, massageado com óleos aromáticos, exibindo músculos rijos, elegante e belo tal qual Davi esculpido por Michelangelo, que não me canso de admirar.

Em geral, sociedades abertas incentivam o desenvolvimento do corpo e da mente e, por consequência, das artes, das liberdades. Já as sociedades fechadas, autoritárias são disciplinadoras, no pior sentido da palavra. Corpos e mentes têm que estar a serviço do bem maior, seja Deus, Estado, Pátria etc.

Assim, aprendemos que tudo o que se refere ao corpo requer atenção: não exibi-lo demais, cuidar da higiene, ter postura e gestos adequados, melhor ainda se elegantes e discretos. Mesmo quando se quer ser sensual deve-se passar longe da vulgaridade. Não por acaso, os livros de educação moral e os manuais de etiqueta (não nos esqueçamos que etiqueta significa pequena ética), em todos os tempos, têm um capítulo dedicado ao corpo. Penso agora, em especial, no livro de Erasmo de Rotterdam intitulado *A civilidade pueril*, escrito em 1530, que trata do comportamento das pessoas em sociedade e do decoro corporal. Essa obra tornou-se uma referência muito importante para a educação das crianças e jovens. Assim, já no primeiro capítulo, denominado “Atitudes corretas e incorretas”, Erasmo trata da de-

cência e da indecência na apresentação, do uso do corpo: olhos, sobrancelhas, fronte, nariz, espirro, rosto, lábios, bocejo, riso, cuspir, tossir, vômito, dentes, boca, cabelo, busto, pescoço, ombros, braços, partes pudendas, urina, flatulência, pernas, genuflexão, passo (caminhar), pés, mãos. Nos outros capítulos, Erasmo trata da elegância dos trajes, de como se portar na Igreja, dos banquetes e das refeições (comportamento que se deve ter à mesa, uso dos talheres e copos e a proibição de limpar boca e nariz nas mangas do vestuário), dos encontros e conversas, dos esportes e, por fim, do comportamento no leito. Baseado, sem dúvida, em costumes oralmente transmitidos por gerações, Erasmo propôs um tratado de boas maneiras, de civilidade, isto é, de como viver na cidade com muitas outras pessoas sendo educados e cortêses, na época de transição da Idade Média para a modernidade, em que se defrontam diferentes concepções de mundo, de comportamentos e de valores.

O corpo padece de muitas limitações, as doenças sendo as maiores e a morte, a fatal. Doenças exigem exames e tratamentos que, muitas vezes, são verdadeiros suplícios. Melhor prevenir-se e, nesse caso, os sacrifícios não são menores: alimentação saudável, exercícios, equilíbrio de conduta etc. Hoje, há vasto conhecimento científico e todo um arsenal – equipamentos, cosméticos, profissionais – para termos um corpo belo, saudável, exercitado.

Em síntese, tudo se passa e foi assim que aprendemos, como se o corpo fosse o vilão dos seres humanos, com necessidades e desejos, nem sempre realizáveis, mas que o movimentam em direção à sua satisfação. O corpo é irrequieto, sempre quer mais, nunca é totalmente saciado e apenas realiza uma vontade, já sai em busca de novos prazeres. À alma, sua prisioneira, cabe refrear esse corpo insaciável, pelo seu discernimento, valores, cultura, equilíbrio, conhecimento e outras virtudes. De cunho religioso ou laico, não importa: a interpretação é a mesma.

Foi assim que fiquei atônita com a leitura do livro *A alma imoral*, de Nilton Bonder que propõe uma reviravolta nessa interpretação. Para ele, ao contrário, o corpo é acomodado, a transgressora é a alma. Nas suas palavras:

Esse livro é sobre a alma. Alma que jamais representou o elemento moral e patrulhador dos bons costumes, que é, na verdade, representado pelos interesses do corpo, do verdadeiro e sagrado *establishment* – daquilo que deseja manter o que já é. Ao contrário, a alma é que representaria o elemento de nossas entranhas que nada mais faz do que trair esses interesses. (BONDER, p. 15).

Reconhece que o ser humano é a tensão entre corpo e alma, entre a preservação e a transgressão. Afirma, ainda:

[...] por alma não devemos entender nenhuma outra ordem distinta do corpo. A necessidade de uma dualidade que gera o termo “alma” se encontra nessa capacidade humana de optar entre cumprir ou transgredir. A alma seria parte do corpo, sua parte transgressora. (idem. ib.).

Essa temática será desenvolvida por todo o livro de forma clara, erudita, convincente. Não é o caso de retomá-la aqui e agora, pois, certamente, enveredaria por outros caminhos, quando o que pretendo é tão somente falar dos prazeres da dança.

Em síntese, o que Bonder afirma é que o corpo é acomodado, a alma é irrequieta. O corpo quer sossego, não gosta de exercitar-se. O homem primitivo, que precisava caçar para comer, o que era, digamos, muito trabalhoso, ao saciar a fome, ficava em repouso tanto quanto possível para que o conforto conquistado durasse o máximo. Hoje é muito fácil comer, tudo está ao alcance das mãos e devoramos todas as porcarias que encontramos. Os eletro-eletrônicos, os controles remotos dispensam movimentos. A obesidade mórbida que atinge enorme parcela da população é a prova cabal de que o corpo quer sossego.

Os livros, as revistas, os jornais, os canais de televisão ensinam o tempo todo como cuidar do corpo: dietas saudáveis, exercícios de todo tipo previnem doenças somáticas e psíquicas porque as atividades físicas, além de deixarem o corpo sarado, liberam as endorfinas que dão sensação de prazer e afastam depressões e que tais. Para preservar a imagem de Bonder, a alma, no seu papel de transgressora, é que exige sacrifícios do corpo acomodado.

Há alguns anos, interessei-me em fazer aulas de dança de salão, especialmente de tango. Porque exatamente tango, não sei. Penso que era porque achava belo e difícil. Hoje, depois de muitas aulas, práticas, exercícios de postura, *workshops*, congressos, milongas e muitas dores, sei que adentrei um mundo mágico. Por mais que me esforce, tenho certeza de que nunca vou “dominar” essa dança e isso é um dos maiores encantos, pois quando se consegue um desempenho ótimo em alguma atividade, a tendência é a perda do fascínio e, depois, do interesse. Com o tango, jamais.

A música, sempre delirante, seja a dos primórdios ou as clássicas dos anos 1940 e 1950, seja a marcada pelas inovações de Astor Piazzola ou o tango eletrônico com suas liberdades de movimento e saídas do eixo que encantam, principalmente, os mais jovens. Os instrumentos, com destaque para o bandonéon, produzem sons que de tão belos chegam a doer. As letras falam das relações do cotidiano entre filhos e pais, amigos, desejos, paixões e amores quase sempre frustrados, traídos, dramáticos.

A roupa certa, provocante, o sapato, salto alto, deslumbrante, algum enfeite, flores, meias criativas destinam-se a seduzir, quase sempre de forma sutil. Para os cavalheiros ternos impecáveis, risca de giz, sapatos bicolores, flexíveis, sempre apropriados à dança. Para ambos, sapatos para dançar só são usados no salão.

Na dança, a postura é das mais belas. Deve-se desconectar o tronco do quadril, das pernas. Essas desenham o oito, para trás ou para frente, mas o tronco continua de frente para o parceiro. Permanecer no eixo, manter o equilíbrio, realizar figuras, entender e seguir a condução do parceiro, adornar os passos, seguir o compasso da música, seu andamento, improvisar – tantas e tão delicadas atitudes proporcionam prazer e afastam para bem longe qualquer preocupação. A leveza, a elegância, o movimento preciso e limpo, realizado com maestria, uma vez conseguidos proporcionam um estado de rara felicidade. Você dança para seu parceiro que, por sua vez, dança para você. Quando acontece uma química, uma troca de energias positivas entre os parceiros, a sensação é de se estar no paraíso que ninguém perturba e que, parece, não terminará jamais. Termina em três minutos, porém deixa uma sensação duradoura. E aí acontece outra dança ou outra história de amor que durará mais três minutos e mais outra e mais outra.

É o corpo que realiza os movimentos, imbuído de uma intenção, de uma energia que vem do seu interior e, mais ainda, da alma. Dançar é um exercício corporal, mas é muito mais que isso. Se for apenas para exercitar o corpo pode-se praticar corrida, musculação, exercícios aeróbicos, alongamentos que a maioria das pessoas realiza porque é preciso, para ser saudável, sem nenhuma empolgação, menos ainda, satisfação. Dançando, realizamos tudo isso com enorme prazer. A música nos leva a outras dimensões e os gregos antigos já propunham ginástica para o corpo e música (as atividades presididas pelas musas) para a alma. É o ritmo, o compasso, o andamento, o encantamento. Só o abraço dos parceiros dançantes provoca sensações inefáveis, mas tem mais: a condução, a técnica, os passos, as figuras, o improviso, as firulas, a graça, a elegância. Tento, mas não consigo transmitir com palavras, tudo o que sinto – de corpo e alma – quando danço. É assim como solicitar a um artista plástico que explique (com palavras) o que ele quis dizer com suas telas. As linguagens são diferentes e a sua é a das formas e cores. Ou é como pedir a um poeta que resuma seu poema. Impossível.

Como educadora e cidadã, lastimo que, nas últimas décadas, a música, as artes, as humanidades tenham sido banidas, ou relegadas, de nossas escolas de ensino fundamental e médio em prol de um tecnicismo, no mínimo duvidoso.

No mundo complexo, conturbado e desgovernado em que vivemos, dançar é uma atividade que faz sentido, na dupla acepção dessa palavra: tem signifi-

cado e direção. Convenhamos: bem poucas atividades que realizamos possuem tais virtudes. A dança é fruição, é movimento, é música, é encontro com pessoas que sentem o mesmo prazer. Costumo dizer que quando danço, o que faço com frequência, fico em estado de graça: o mundo em vez de hostil e conturbado me parece acolhedor e harmonioso (frase inspirada em Luc Ferry, 2007).

Tentei traduzir o bem estar e a felicidade que sinto quando danço numa poesia que escrevi um dia desses:

Sou meio travessura  
meio melancolia.  
Sou meio presente  
meio nostalgia.  
Sou meio verdade,  
meio fantasia.  
Sou meio ciência,  
meio magia.  
Sou meio certeza,  
meio covardia.  
Sou meio distraída  
meio valentia.  
Sou meio prosa  
meio poesia.

Inteira mesmo,  
só quando danço.

## Referências

- BONDER, N. *A alma imoral*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- BUFFA, E. *Feira da sucata e da barganha*. São Paulo: Casa Impressora de Almería, 2010.
- FERRY, L. *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objectiva, 2007.
- ROTTERDAM, Erasmo de. *A civilidade pueril*. Porto: Estampa, 1978.

recebido em 28 set. 2011 / aprovado em 22 dez. 2011

### Para referenciar este texto:

BUFFA, E. Quando danço o mundo me parece acolhedor e harmonioso. *Dialogia*, São Paulo, n. 14, p. 113-118, 2011.